

Universidade Federal De Minas Gerais  
Faculdade De Letras  
Programa De Pós-Graduação Em Estudos Linguísticos  
Curso De Especialização Em Gramática Da Língua Portuguesa: Reflexão E Ensino

CLAUDIA APARECIDA DA SILVA

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DO PONTO DE VISTA DOS LIVROS DIDÁTICOS E  
DOCUMENTOS OFICIAIS

Belo Horizonte

2018

CLAUDIA APARECIDA DA SILVA

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DO PONTO DE VISTA DOS LIVROS DIDÁTICOS E  
DOCUMENTOS OFICIAIS

Monografia apresentada ao curso de especialização em gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino, do Programa de Pós-Graduação em estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Heloísa Maria Moraes  
Moreira Penna

Belo Horizonte  
2018

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho marca a conclusão de mais uma etapa na minha vida. É com muita satisfação e alívio que agradeço a todos que de alguma maneira contribuíram nessa conquista. Agradeço a Deus por permitir a realização de um sonho, sem a sua graça seria impossível chegar até aqui.

Ao meu marido e a minha filha, os amores da minha vida, que sempre estão ao meu lado, sem vocês eu não teria chegado até aqui. A minha orientadora, professora Heloisa Penna que com excelência conduziu o desenvolvimento do nosso trabalho, um exemplo de pessoa e docente.

Um agradecimento especial a professora Suely Coelho, exemplo de profissional e responsável pela minha permanência no curso.

## **RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo analisar como a variação linguística é abordada nos livros didáticos e documentos que têm a responsabilidade de direcionar o ensino de Língua Portuguesa no Brasil. Tomou-se como base os documentos oficiais, PCN, CBC e BNCC, e três livros didáticos que fazem parte do grupo de livros do ensino médio, aprovados pela PNLD em 2017. Procurou-se realizar uma análise reflexiva tendo como base os materiais já citados e as teorias linguísticas que tratam do assunto.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>5</b>
<b>CAPÍTULO 1 - A Língua Portuguesa e suas variações</b> .....	<b>7</b>
1.1. Palavras iniciais.....	7
1.2. O papel da gramática tradicional.....	9
1.3. O papel do educador.....	10
1.4. O papel do livro didático.....	12
<b>CAPÍTULO 2 – A variação linguística na perspectiva dos documentos oficiais</b> .....	<b>13</b>
2.1. Parâmetros curriculares nacionais (PCN) .....	13
2.2. Currículo básico comum (CBC) .....	14
2.3. Base nacional comum curricular (BNCC) .....	16
2.4. A variação linguística nos três documentos.....	16
<b>CAPÍTULO 3 – Os livros didáticos e os documentos oficiais</b> .....	<b>18</b>
3.1. Livro 1.....	20
3.2. Livro 2.....	23
3.3. Livro 3.....	25
<b>CAPÍTULO 4 – Propostas de atividades com variação linguística</b> .....	<b>28</b>
4.1. Proposta 1: Teoria e texto ilustrativo .....	28
4.1.1. Os exercícios.....	29
4.2. Proposta 2.....	30
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>36</b>

## INTRODUÇÃO

É comum ouvir um falante de Língua Portuguesa dizer que não sabe “português”. Ouvir tal afirmação faz parte da vida do professor de português pelo Brasil afora. Os alunos passam, no mínimo, 12 anos da sua vida na educação básica e mesmo assim saem com a impressão que não dominam a sua língua de forma eficiente. Vivemos em uma sociedade em que a diversidade social, cultural e econômica são requisitos para que um o indivíduo seja excluído ou incluído em um determinado grupo social, e com a língua não é diferente. Dominar a língua padrão é requisito essencial para fazer parte de grupos de prestígio social.

Diante desse cenário, o professor de língua portuguesa é visto como o principal responsável no desenvolvimento das habilidades linguísticas dos alunos, tornando-os capazes de utilizar a sua própria língua de forma eficaz. Tal tarefa não é nada fácil, os discentes chegam à escola dominando a variedade linguística própria de sua comunidade e cabe à sociedade escolar levar o aluno a compreender que uma variedade não elimina a outra, cabe ao usuário usar a língua adequando-a a cada situação. Para auxiliar os professores nessa tarefa de apresentação das variedades linguísticas, em especial da variante padrão para uso da escrita, o principal apoio em sala de aula é o Livro Didático. Sendo assim, assumimos o compromisso de analisar alguns livros didáticos, três exemplares, aprovados pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD, 2017) e verificar neles o tratamento que a variação linguística teve em suas páginas. Essa análise faz um contraponto com as teorias linguísticas e documentos oficiais que tratam do assunto. Propomos, assim, um breve esboço de reflexão para depreender se eles dialogam e se auxiliam o professor e alunos no processo de reconhecimento e mesmo desenvolvimento dos diferentes usos da língua.

O primeiro capítulo apresenta o lado social da língua, os fatores que atuam diretamente no seu uso, como região, costumes, escolaridade e situação econômica, a partir de importantes estudos linguísticos. Levanta questão sobre o papel desempenhado pela gramática tradicional, pelo educador e pelo livro didático no processo de compreensão da existência dos diferentes usos da língua e da adequação de seu uso, conforme o ambiente em que se circula.

No segundo capítulo, analisa-se a variação linguística levando em consideração os documentos oficiais (PCNEM, CBC e BNCC) responsáveis por direcionar o ensino nas escolas brasileiras.

No terceiro capítulo, busca-se examinar como a variação linguística é tratada nos livros didáticos, os três tomados como base nesse estudo, e se estão de acordo com o que é orientado nos documentos oficiais.

No quarto e último capítulo apresentam-se propostas de atividades de retomada de conteúdo com o intuito de trabalhar os tipos de variações linguísticas expostas nos livros didáticos analisados nessa pesquisa.

## **CAPÍTULO I – A Língua Portuguesa e suas variações**

### **1.1 Palavras iniciais**

Ser professor de Língua Portuguesa nas escolas brasileiras não é tarefa fácil. Há momentos, principalmente durante o Ensino Médio - quando se vai consolidar o aprendizado a Língua Portuguesa e desenvolver nos alunos a autonomia de uma escrita madura e de uma expressão adequada - em que não se tem de forma clara o que se deve ensinar e como fazer isso. A principal referência do professor, e muitas vezes a única, é o livro didático que nem se caracteriza pela profundidade e detalhamento da gramática tradicional nem pelo tratamento diferenciado da língua como sugere os modernos estudos linguísticos.

Segundo Marcos Bagno (2002, p.16) a forma de ensinar a língua materna no Brasil, especialmente a partir do século XXI, passa por um período de transição. Grande parte dos profissionais da língua tem a ciência que não se pode ficar preso na forma tradicional de ensinar, ou seja, de acordo apenas com a gramática tradicional. Há clara consciência de que se deve levar em conta as contribuições da ciência linguística moderna, com a necessidade de incorporar novos estudos na prática da sala de aula, buscando assim maior eficiência no processo ensino aprendizagem. Existe um apelo da escola e da sociedade por adaptação e melhoria no ensino da língua nacional o que significa trilhar por outros caminhos, tendo como foco a eficiência no ensino da Língua Portuguesa.

Dentre as colaborações da linguística para o ensino da língua materna têm-se trabalhos importantes sobre a variação linguística, tema que será o principal ponto de reflexão neste capítulo. De acordo com Tarallo (2003, p.6) a sociedade vive um “caos” linguístico, um universo com aparências informe da língua. Nada que impeça, no entanto, a comunicação entre os indivíduos e a funcionalidade da língua. Há, de fato, uma constante luta entre duas ou mais formas de se falar a mesma coisa, o que autor denomina de variantes linguísticas. Diferentes grupos sociais, convivendo em espaços próximos, deixam entrever suas variações linguísticas perceptíveis não só por especialistas da língua, mas também pelos próprios falantes.

O lado social da língua é algo real e não pode ser negado. Ela recebe influências do meio em que o falante está inserido. Labov (2008, p.215) afirma que “A língua é uma forma de comportamento social” e ainda alerta que tal pensamento se encontra em vários escritos linguísticos que introduz o tema, ou seja, a ideia de que a sociedade exerce ações em uma determinada língua já está concretizada no meio

acadêmico, não é fato novo. Celso Cunha em sua gramática (2017, p. 3) aponta o que ele chama de direção relacional. Existem casos em que a sociedade influencia na língua e em outros se tem o processo contrário, a língua influenciando na sociedade.

Não se pode ver a língua como algo homogêneo, unidade única livre de influências. Há fatores que causam modificações em seu sistema. Conforme Rodrigues (2002, p. 11) “Não há língua que seja, em toda sua amplitude, um sistema uno, invariado, rígido.” Ele completa afirmando que a variação da língua depende exclusivamente do falante, do ouvinte e da situação em que a fala está sendo gerada. Tais fatores interferem de forma relevante na língua, podendo assim serem vistos como determinantes na variação linguística.

As variações ocorridas em uma língua não são novidade. Há muito se fala desse fenômeno. Em alguns momentos, abordado de forma mais efetiva e em outros nem tanto. A evolução dos estudos linguísticos nessa área possibilitou uma maior compreensão em torno do fato. Segundo Uchôa (2008, pág. 93) as reflexões acerca da variação linguística são antigas, observadas já nos registros de Fernão de Oliveira, em 1536, primeiro gramático da língua portuguesa, que naquele momento já tratou de alguns fatores que influenciavam no uso da língua. Numa passagem de sua *Gramática da linguagem portuguesa*, o gramático assinala a importância de se entender a diversidade social do falante: ““Os homens falam do que fazem, portanto os aldeãos não sabem as falas da corte e os sapateiros não são entendidos na arte de marear nem os lavradores d’ Antre Douro e Minho entendem as novas vozes que estanho vierão deTunez com suas gorras”(CpXXXII).

Ao tratar do emprego das palavras, por grupos sociais e regionais diferentes, Fernão de Oliveira ressalta as especificidades vocabulares de cada um:

E esta particularidade ou se faz ãntre officos e tratos, como os cavaleiros que têm hũs vocabolos, e os lavradores outros, e os cortesãos outros, e os religiosos outros, e os mecânicos outros e os mercadores outros, ou tãbê se fazem terras esta particularidade, porque os da Beira têm hũas falas e os d’ Alentejo outras e os homens da Estremadura são diferentes dos d’ Antre Douro e Minho, porque, assim como os tempos, assim tãbe as terras crião diversas condições e cõceitos“. (Fernão de Oliveira, cp.XXXVIII).

Muito se discute sobre os fatores que podem agir diretamente na língua. Celso Cunha (2017, pág. 3) destaca três diferenças internas mínimas que uma língua pode carregar. A primeira é o espaço geográfico. O local no qual o indivíduo está inserido

trará uma particularidade na língua de um determinado local. A segunda está ligada aos fatores socioculturais. Envolve as relações e costumes praticados em sociedade e ainda o nível de escolaridade dos indivíduos. Para finalizar, a terceira diferença trata das modalidades da língua, o que ele chama de modalidade expressiva. Engloba, segundo ele, a língua falada, a língua escrita, a língua literária, a linguagem dos homens e a das mulheres dentre outras.

Encontramos fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam de forma direta o uso da língua, seja falada ou escrita, como aponta Moura (2000, p. 125) em sua pesquisa. A autora considera como fatores linguísticos a posição das palavras na frase, a ênfase a determinados elementos, as formas de concordância entre os elementos de uma frase. Já os extralinguísticos ela destaca a idade, o sexo, o grau de escolaridade, a situação socioeconômica, a profissão, a situação em que acontece o uso, entre outros. Percebe-se que inúmeros são os fatores que podem contribuir na variação da língua.

## 1.2 O papel da Gramática Tradicional

Quando se fala do uso de uma língua, seja falada, mas principalmente escrita, existe uma cobrança social para que haja uma padronização. Esse fato está no cerne da criação da Gramática, pelos Alexandrinos (III a.C.) e continuou a influenciar o aparecimento das gramáticas em diversos momentos da história das civilizações. Ajunte-se a essa necessidade de padronização o sentido de preservação. Para os filólogos da Biblioteca de Alexandria era necessário “estabelecer e explicar a língua dos autores clássicos com o desejo de preservar o grego da corrupção por parte dos ignorantes e iletrados” (Lyons, 1979, p. 9). A Gramática, em Roma, seguiu os passos da Grega, definindo a Gramática como “a arte de escrever corretamente e de compreender os poetas” (Lyons, 1979, p. 13). Na Idade Média, vemos a reprodução desse conceito, tendo o Latim como a língua escrita por excelência e os autores latinos como modelos a serem imitados na escrita. Com o desenvolvimento das línguas vernáculas, a partir do Renascimento, as obras de Dante, Milton, Racine e Camões, citando apenas alguns ícones da literatura mundial, passaram a ser modelos das Gramáticas italianas, inglesas, francesas e portuguesas. Sempre influenciadas, no entanto, pela tradição greco-romana - modelo de análise e teoria linguística proveniente dos gregos.

No Brasil, a chamada norma padrão é ditada pela Gramática Tradicional. O “saber escrever” de acordo com as regras é fator de prestígio social e ascensão. Segundo Napoleão Mendes de Almeida (1978, pág. 7), ao retomar traços dos discursos dos primeiros gramáticos da língua<sup>1</sup> em defesa da língua portuguesa, aprender a escrever corretamente é um dever cívico, pois “a língua é a mais viva expressão da nacionalidade”. Para Vitral (2017, p. 24) o português do Brasil, língua oficial, necessita ter um uso de forma mais homogênea, independente da região do país que o usuário da língua se encontre, caso contrário os falares ou dialetos regionais se tornariam outras línguas diferentes do português. E isso não é interessante, pois a língua é um dos fatores que faz de um povo uma nação. Ele ainda ressalta que ser a favor de uma padronização linguística não significa menosprezar as outras variantes da língua, pelo contrário, as variações da língua podem conviver de forma harmoniosa, cada situação exigirá uma determinada variedade, cabe ao falante utilizar a melhor forma possível para cada ocorrência. Mudanças na língua serão feitas inevitavelmente.

### 1.3 O Papel do educador

O docente, principalmente o professor de Língua Portuguesa, é direcionado a desenvolver as habilidades e competências linguísticas dos alunos com base na norma culta. Bartoni – Ricardo afirma que “A escola é norteadada socialmente para ensinar a língua da cultura dominante; tudo que afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado” (2004, p. 23) Para a autora, o formato do ensino da Língua materna no Brasil é algo impositivo. Leva-se em consideração apenas a variedade linguística de um grupo privilegiado e conseqüentemente a uma desvalorização das demais variantes existentes. No entanto, não se pode negar que a norma culta, apesar de ser trabalhada de forma impositiva, é necessária. Não saber utilizá-la de forma eficiente acarretaria em exclusão social. Assim, a questão que se coloca para o educador é: como ensinar as regras da língua padrão sem ignorar as regras das variações da língua, trazidas pelos alunos? Não podemos negar a existência dessas variações nem a necessidade de levá-las em consideração, pois fazem parte da

---

<sup>1</sup> Gândavo (1574 – *Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da Língua Portuguesa*), Fernão de Oliveira (1536 – *A gramática da linguagem portuguesa*) e João de Barros (1540 – *Gramática da língua portuguesa*) incluem, em suas gramáticas, ensaios de defesa da Língua Portuguesa. Para mais detalhes cf. Mattos e Silva (2002, pág. 33).

complexa estrutura da sociedade brasileira, que se reflete na escola, principalmente na pública, com a variada origem socioeconômica dos alunos.

O educador tem papel fundamental para que o aluno consiga fazer uso da língua nas suas diferentes variedades, compreendendo as diferenças e o contexto em que cada uma dessas formas deve ser usada. Bartoni – Ricardo (2005, p.15) ressalta que:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem de propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. Algumas conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder de persuasão; outras contribuem para formar-lhe uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades. Há que se ter em conta ainda que essas reações dependem das circunstâncias que cercam a interação. (Bartoni – Ricardo, 2005)

O docente precisa respeitar a bagagem linguística e social do aluno, mas é necessário que ele leve o aluno a conhecer e a apreender a norma culta de sua língua. Para que o professor tenha um resultado positivo no processo de ensino ele precisa conhecer a variedade linguística de seus alunos. Segundo Uchôa (2008, p. 36) isso é tarefa fundamental para que o aluno, a partir da sua realidade, tenha ciência das diferenças entre sua variedade linguística e da variedade considerada padrão. Além de perceber as diferenças estruturais, o aluno deve ser levado a considerar a adequação do uso. O ambiente de comunicação sugere ou mesmo determina a seleção da variedade linguística e esse ambiente se refere não só ao físico, laboral, escolar, familiar, mas também ao mental (produção de fala e de escrita). Tarefa que, de acordo com Uchôa, não é fácil para grande parte dos professores que apresentam preparação deficiente para lidar com esse problema. Na sala de aula, assim como em outros ambientes sociais, encontramos inúmeras maneiras de utilizar a língua. Bartoni – Ricardo (2004, p. 25) afirma que “na sala de aula, como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua...” Sendo assim será possível que o professor conheça e trabalhe corretamente as variedades linguísticas presentes na sala de aula?

O primeiro passo para um resultado positivo no desenvolvimento das competências linguísticas dos alunos, tornando-os capazes de utilizar a linguagem em suas diferentes modalidades, de acordo com cada situação e de modo eficiente, pode estar diretamente ligada ao professor e ao aluno. Trata-se de um trabalho de colaboração entre as partes em que o principal objetivo é o desenvolvimento

linguístico dos discentes. Moura (2000, p. 123) sugere “um trabalho cooperativo entre professor e alunos, na sala de aula, que possibilite desenvolvimento de uma competência linguística comunicativa, voltada para as reais necessidades dos alunos e da sociedade”. Desse modo a escola, neste caso representada pelo professor de Língua Portuguesa, deve dar ao aluno condições de utilizar a língua de forma diversificada e eficiente.

#### 1.4 O papel do livro didático

O livro didático de Língua Portuguesa está presente em grande parte das escolas brasileiras, principalmente nas escolas públicas. Segundo Bezerra (2005, p. 35) é o material de ensino aprendizagem mais importante disponível nas entidades de ensino no Brasil, isso quando não é o único. Ela acrescenta que o professor, dependendo da maneira como lida com esse material estará desempenhando apenas o papel de seu porta-voz. O desenvolvimento do seu trabalho fica de tal forma limitado à proposta do livro didático que o autor do material passa a ser o interlocutor distante dos alunos. Diante disso não há como não refletir acerca da responsabilidade direcionada ao livro didático e a seu autor, e do lugar que o professor ocupa nessa relação de ensinar e aprender a partir dessa visão. Será que devemos dar ao livro didático tamanha responsabilidade? E o mais importante, ele dará conta de tal obrigação, uma vez que estamos falando de um país diversificado culturalmente e socialmente? No que diz respeito à língua materna, como já mencionado, ela é composta por variações linguísticas. A forma de tratar o ensino do norte ao sul do país deve acontecer da mesma forma, deixando as particularidades de cada população? Partindo de tais questionamentos pode-se pensar o professor como direcionador do processo ensino-aprendizagem, adaptando as propostas do livro à realidade do seu aluno.

## **CAPÍTULO II – A variação linguística na perspectiva dos documentos oficiais**

Tendo discorrido sobre o papel da gramática tradicional (1.2); sobre o educador (1.3) e sobre o livro didático (1.4) passa-se agora a uma reflexão sobre a abordagem da variação linguística nos documentos oficiais, responsáveis por direcionar o ensino de Língua Portuguesa no Brasil. São eles que norteiam os conteúdos dos livros didáticos e, por consequência, a prática didática dos professores. As observações realizadas terão como base o PCN (parâmetros curriculares nacionais), o CBC (conteúdos básicos comuns) de Língua Portuguesa, e BNCC (base nacional comum curricular), sendo os três referentes ao ensino médio.

### **2.1 PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN)**

O PCN tem como principal referência os princípios determinados na LDB (Lei de diretrizes e bases - lei 9394/96) que concede um novo modelo ao ensino médio. Segundo o documento, busca-se um novo contorno para o currículo da educação básica, fundamentado em competências que insiram os jovens na vida adulta, dando uma significação ao conhecimento oriundo da escola, estimulando o raciocínio e a capacidade de aprender do discente.

O PCN do ensino médio (PCNEM) é apresentado como um projeto de reforma curricular, uma nova forma de pensar o ensino no país. Na apresentação das bases legais do PCNEM, a equipe do MEC deixa bem claro o ideal inovador da nova proposta para o ensino médio: “buscamos dar significado ao conhecimento escolar, mediante a contextualização; evitar a compartimentalização, mediante a interdisciplinaridade; e incentivar o raciocínio e a capacidade de aprender”<sup>2</sup>.

Para chegar no texto final dos documentos houve o envolvimento de especialistas da área, como professores, equipes técnicas das secretarias de educação e ainda da sociedade civil. Segundo registrado no site do portal do Mec, esses padrões curriculares “servirão de estímulo e apoio à reflexão sobre a prática

---

<sup>2</sup> Disponibilizado em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>, página 4 da apresentação. Consultado no dia 11/09/2018.

diária, ao planejamento de aulas e, sobretudo, ao desenvolvimento do currículo da escola, contribuindo ainda para a atualização profissional”<sup>3</sup>

A Língua Portuguesa compõe a parte II do PCN, denominada como Linguagens, códigos e suas tecnologias. Já na apresentação da referida parte, observa-se a preocupação com as diferenças, claro que, neste momento, tratada de forma genérica, sem especificar ou apontar quais diferenças, como pode-se observar no trecho, “O respeito à diversidade é o principal eixo da proposta e, para a área, não poderia ser diferente: as indicações deste documento procurarão ser coerentes com os princípios legais. ”

Após a reflexão realizada no primeiro capítulo não há como não associar tal afirmação às questões relativas à língua e suas variações, à diversidade linguística que é real e está presente na linguagem de todo indivíduo.

O documento aponta a Língua Portuguesa como princípio de reconhecimento de comportamento e social. A linguagem verbal é o retrato das vivências do indivíduo no seu meio social que não é uniforme. Assim não se deve esperar uma uniformidade da linguagem, uma vez que ela é reflexo das vivências do ser humano. O texto ainda ressalta que é papel da escola possibilitar “a construção de múltiplas identidades”. E acrescenta ainda que ela deve prepará-lo para enfrentar as situações com igualdade: pensando no uso da língua, o aluno deve ser preparado para utilizar a linguagem em suas diferentes variações. Ele deve ser capaz de usá-la de forma autônoma de acordo com cada situação.

## 2.2 CURRÍCULO BÁSICO COMUM (CBC)

O CBC é uma proposta curricular inserida nas escolas estaduais de Minas Gerais sob responsabilidade da Secretaria de Estado de Educação. Segundo Marques (2012, pg. 109) foi uma vasta reforma na educação mineira, realizada no período de 2003 a 2010 durante os dois mandatos do então governador Aécio Neves. De acordo com a autora, a implantação do CBC começou em 2005 em escolas referências. O documento busca definir conteúdos básicos comuns para os anos finais do ensino fundamental e ensino médio no estado de Minas Gerais.

---

<sup>3</sup> Disponibilizado em <http://portal.mec.gov.br/acompanhamento-da-frequencia-escolar/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12598-publicacoes-sp-265002211>. Consultado no dia 11/09/2018.

O CBC de Língua Portuguesa do ensino médio em suas diretrizes para o ensino da disciplina destaca o caráter social da linguagem. A importância que ela tem na constituição do homem como sujeito social, apto a utilizá-la de forma eficiente em diferentes situações. Como se pode perceber no trecho:

Atividade interativa em que nos constituímos como sujeitos sociais, preparar para a vida significa formar locutores/autores e interlocutores capazes de usar a língua materna para compreender o que ouvem e leem e para se expressar em variedades e registros de linguagem pertinentes e adequados a diferentes situações comunicativas. (CBC de Língua Portuguesa, 2008, pg. 76)

O CBC está dividido em eixos temáticos sendo: eixo temático I- compreensão e produção de texto; eixo temática II – linguagem e língua; eixo temático III - A literatura brasileira. Cada eixo é composto por temas e subtemas, como por exemplo: no eixo temático I temos o tema gênero e como subtemas operação de contextualização e operação de tematização. Para cada subtema há a indicação de tópicos e subtópicos de conteúdo com suas respectivas habilidades. A variação linguística já aparece no eixo temático I, no subtema de operação e contextualização, no tópico I – contexto de produção, circulação e recepção de textos. Destaca a variedade linguística nas relações em situações comunicativas, levando em consideração a época de produção do texto, o suporte a que se destina o texto e a situações sociais que envolve a produção, circulação e recepção de textos. As habilidades a serem desenvolvidas devem privilegiar todas séries que compõem o ensino médio. Entretanto é no eixo temático II que se observa uma ênfase maior para o tema. O tópico 22, destinado exclusivamente à variedade linguística, não aparece de forma extensa, no entanto destaca os principais pontos que são essenciais para um falante de língua portuguesa, como fatores políticos e sociais, uma postura crítica diante das situações de preconceito linguístico que possibilita a disseminação de discriminação e dominação das classes menos favorecidas. Percebe-se que o documento busca dialogar com a ciência linguística, pois ressalta pontos importantes dos estudos linguísticos levantados no capítulo I desse trabalho. As habilidades que compõem o tópico em questão devem ser desenvolvidas na 1ª série do ensino médio. Fato que pode explicar o porquê de os livros didático trazerem a variedade linguística apenas nos exemplares destinados ao 1ª ano do ensino médio.

### 2.3 BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

A BNCC é um documento com papel normativo que busca assegurar aos estudantes da escola básica, da rede pública e particular no Brasil, o direito de aprendizagem e desenvolvimento de acordo com o que é apresentado no Plano Nacional de Educação (PNE). Segundo o documento “Ao longo da Educação básica, as aprendizagens essenciais definidas na BNCC devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais” (BNCC, p. 8). Será de responsabilidade das escolas a elaboração dos currículos com bases nas aprendizagens essenciais estabelecidas na BNCC. A expectativa é que a BNCC seja implementada em todo o país até 2020.

A variação linguística evidentemente não poderia ficar de fora do documento. Como se observou é muito importante para aluno compreender e dominar as diferentes variedades linguísticas existentes no meio no qual ele está inserido. O tema aparece na parte identificada como “Todos os Campos de atuação Social”, representada pelo código EM13LP17. O primeiro par de letras (EM) informa a etapa, no caso Ensino Médio, os dois primeiros números (13) identificam a habilidade a ser desenvolvida. A segunda sequência de letras (LP) indica a área, Língua Portuguesa inserida em linguagens e suas tecnologias, e a última sequência numérica (17) representa as competências específicas. De acordo com o texto, deve-se desenvolver no aluno a habilidade de analisar a variação linguística “em seus diferentes níveis (variação fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmático) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.)” tendo assim uma maior compreensão sobre as transformações ocorridas na língua em diferentes situações e ainda ter consciência do caráter de prestígio que algumas variedades apresentam em relação a outras.

### 2.4 A Variação linguística nos três documentos

Levando em consideração os três documentos percebe-se que a variação linguística vem ganhando espaço de um documento para o outro. A BNCC apresenta informações mais direcionadas com base nos estudos linguísticos, pois percebe-se uma abertura maior para a questão. Esse olhar da educação voltado para a realidade da sala de aula, com a sugestão de que se trabalhe a variação linguística

adequadamente, é essencial para que o professor e o material didático tenham o objetivo de desenvolver no aluno as habilidades necessárias para torná-lo um usuário eficiente da sua língua, capaz utilizar diferentes variedades linguística de acordo com a situação. Há consenso, nos três documentos, de que a função do ensino da Língua Portuguesa no Ensino Médio é instrumentalizar o estudante com recursos linguísticos capazes de inseri-los nos diversos ambientes sociais. Isso significa orientá-los no uso da língua para fins escritos e orais, deixando-os cientes do padrão linguístico que cada modalidade e ambiente exigem. Comunicar significa adequar-se a diferentes situações comunicativas. No entanto, o livro didático parece não acompanhar essa tendência de estudos da língua, ao não direcionar, mais seriamente, professor e aluno para a efetivação da prática, com conteúdo e atividades suficientes. Diante desse cenário, o professor, formado em Letras, tendo vivenciado na academia os debates em torno da questão, vê-se sem alternativa de ensino e com muitas dúvidas sobre como ensinar e/ou lidar com o respeito à diversidade linguística em sala de aula. Que postura o docente deve adotar diante da preconizada “diversidade linguística”, expressão politicamente correta na teoria, mas pedagogicamente difícil, na prática? Trata-se apenas de ignorar as variações, tratando-as todas como iguais, sem explorar suas características? Significa considerar todas para efeito de estudos e exemplos de variação linguística, justificando essas diferenças pela diversidade social? Significa opor a elas a variedade padrão, tratando essa última como meta de desenvolvimento linguístico? O respeito à diversidade inclui também o respeito à norma padrão, variedade privilegiada socialmente e fator de ascensão social? Ou o respeito à diversidade significa trabalhar com as variantes trazidas pelos alunos, sem mencionar outras, invisíveis, naquele momento no ambiente escolar? Como dar continuidade ao conhecimento adquirido nos nove anos de estudos do Português padrão, pelo aluno do ensino médio, com vistas ao ENEM?

### **CAPÍTULO III – Os Livros Didáticos e os documentos oficiais**

A análise realizada nos documentos oficiais mostrou que a variação linguística vai ganhando maior destaque de um documento para o outro. Tanto o PCN, o CBC e a BNCC trazem a orientação para se trabalhar a variação linguística, conforme trecho a seguir:

“O desenvolvimento da competência linguística do aluno do Ensino Médio, dentro dessa perspectiva, não está pautado na exclusividade do domínio técnico de uso da língua legitimada pela norma padrão, mas principalmente, no saber utilizar a língua, em situações subjetivas e/ou objetivas que exijam graus de distanciamentos e reflexão sobre contexto e estatutos de interlocutores – a competência comunicativa vista pelo prisma da referência do valor social e simbólico da atividade linguística e dos inúmeros discursos concorrentes.”  
(PCN, p. 11)

Sem citar o termo variedade linguística, o fragmento acima expõe a importância de se desenvolver no aluno do ensino médio competência linguística e comunicativa para que ele as utilize de forma eficiente “nas situações subjetivas e/ou objetivas”. O mesmo acontece nos outros dois documentos, a ideia de variação linguística está presente em diferentes momentos, sem especificar, necessariamente, essa nomenclatura. Sendo assim fica evidente como é importante trabalhar o tema de forma eficiente e em momentos diferenciados, buscando o desenvolvimento das competências linguísticas do discente, tornando-o um usuário eficiente da sua própria língua, autônomo e capaz de usar a língua em diferentes situações.

Neste capítulo pretende-se analisar como o assunto é tratado em cada um dos livros didáticos selecionados para tal. Será que o conteúdo é abordado conforme recomendado nos documentos oficiais? Os recursos que os livros trazem são suficientes para esclarecer aos alunos o fenômeno da variação linguística?

Diante da importância do livro didático na sala de aula, surgiu a necessidade de refletir como a variação linguística é abordada nesses materiais. Tomamos, como base de estudo, três coleções de diferentes editoras, em que o público alvo são alunos do ensino médio. Elas foram apresentadas aos professores de Língua Portuguesa,

em 2017, nas escolas públicas brasileiras, com o intuito de serem analisadas e selecionadas pelos docentes. Esses exemplares permanecerão nas instituições pelos próximos três anos quando ocorrerá novamente todo o processo para substituição desses livros. O material selecionado em 2017 está presente em boa parte das escolas do Brasil. Os alunos receberam os livros no início do ano letivo de 2018.

Ao longo do texto usaremos a numeração a seguir para representar cada um dos exemplares:

Livro 1– “Se liga na língua: literatura, produção e reflexão”, de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, editora Moderna, 2016. 241 pgs.

Livro 2- “Português Contemporâneo: diálogo, reflexão e uso”, de William Cereja, Carolina Dias Vianna, Christiane Damien, editora Saraiva, 2017. 336 págs.

Livro 3 – “Ser Protagonista: Língua Portuguesa”, de Ricardo Gonçalves Barreto, Marianka Gonçalves-Santa Bárbara, Cecília Bergamim, editora SM, 2016. 352 págs.

A partir da análise inicial das coleções, observou-se que o conteúdo de variedade linguística aparece nos volumes destinados ao 1º ano do Ensino Médio. O livro 1 aborda o tema de forma objetiva, com a conceituação de variação linguística. Os autores citam os diferentes fatores que podem provocar a variação em uma determinada língua, como os regionais, sociais e situacionais, conforme abordados pelos estudos linguísticos contemporâneos, mas de maneira superficial sem aprofundar-se. Em relação aos exercícios, prevalece o uso de tirinhas e pequenos textos acompanhados de perguntas, na tentativa de trabalhar com o aluno as diferentes possibilidades de variação linguística.

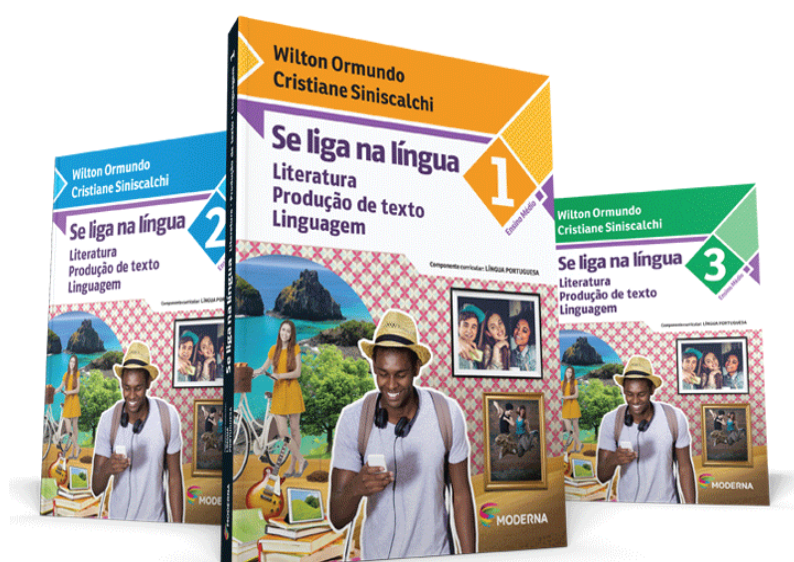
O livro 2, diferentemente do livro 1, introduz o assunto a partir da canção “Vozes da Seca”, de Luís Gonzaga, na qual predomina a língua falada na variedade não padrão, seguida de exercícios que buscam explorar o conhecimento prévio do aluno, atentando para as variações ocorridas na música, porém sem mencionar conceitos. Exige, em um dado momento, que o aluno faça uma comparação entre a variedade usada na letra da canção e a norma padrão escrita. Apenas depois desse processo trabalha-se com definições e nomenclaturas acompanhadas de mais exercícios abordando os conceitos de forma específica.

O livro 3 segue a mesma linha do texto 2. Começa apresentando um trecho da crônica “Antigamente”, de Carlos Drummond de Andrade. Na sequência, traz algumas perguntas que levam o aluno a pensar nas possibilidades de variações existentes na língua, para assim abordar conceitos e definições. As duas últimas obras defendem

que não há uma variedade melhor que a outra ou mais correta, mas sim uma questão de objetivo, de finalidade de uso.

Observa-se que os estudos realizados pela ciência linguística estão presentes nos livros didáticos brasileiros, claro que em alguns, de forma mais efetiva, em outros nem tanto. O que não se pode negar é a importância de aproveitar tais conhecimentos em sala de aula buscando assim uma maior eficiência nos resultados no processo de ensino-aprendizagem.

### 3.1 Livro I



O livro 1, “Se liga na língua”, da editora moderna, apresenta uma capa rica em imagens em que se têm, como protagonistas, adolescentes. Eles apresentam características diversas, tanto nos traços físicos quanto nos costumes. Nota-se a intenção de representar as diferenças entre os indivíduos, diferenças essas não só físicas, mas também no comportamento e gosto, diversidade que acontece igualmente com a linguagem. Há uma fragrante descontração nas atitudes dos jovens retratados: 1) uma menina ao lado da bicicleta; 2) um rapaz consultando o celular; 3) um grupo de amigos em pose para selfie. As situações sugerem descontração e momentos prazerosos. Uma sugestiva maneira de emprestar leveza ao objeto de estudo do livro, Literatura, Produção de texto e Linguagem. A elaboração do título do livro, “Se liga na língua”, sugere objetivos específicos: 1) apresenta variação linguística em ação: a modalidade coloquial (frase iniciada com pronome oblíquo); 2) traz musicalidade pela aliteração da consoante lateral ‘l’, criando uma imagem acústica de leveza e liberdade;

3) brinca com o jogo de palavras ‘liga’ e ‘língua’, de estreita semelhança, e de fácil memorização.

Na obra o conteúdo é dividido em 3 partes: Literatura, Produção de texto e Linguagens. A variação linguística é abordada na parte de linguagem, especificamente da página 241 a 248, abrangendo parte teórica e parte prática.

Os tipos de variação linguística - histórica, regional, social e situacional - são tratados de forma breve. Aparecem em pequenos boxes resumidamente e não são apresentados exemplos, como pode ser verificado na imagem apresentada abaixo.

### Língua e variação linguística

A **língua** é a forma como se realiza a linguagem verbal em uma comunidade social. É o principal mecanismo de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua, sendo relevante não apenas nas relações diárias, mas igualmente nas atividades intelectuais, culturais e científicas.

É constituída por um grande conjunto de signos linguísticos, que transmitem determinados sentidos e que são **selecionados** e **combinados** para formar enunciados. A seleção dependerá do sentido que o falante deseja construir. Ele pode dizer, por exemplo, que um filme de muitas horas é “longo”, mas também pode afirmar que é “cansativo”, incluindo uma opinião sobre a experiência vivida. Já a combinação depende de regras gramaticais, como as relações de concordância verbal, por exemplo, que o falante vai adquirindo conforme aprende a usar a língua.

Por ser uma **atividade de interação** entre pessoas, é preciso analisar a língua em funcionamento, observando seu uso nas situações comunicativas. Em todas as línguas existem regras específicas para a organização e a combinação das palavras, as quais se alteram ao longo do tempo, conforme mudam os valores da comunidade linguística. Além disso, existem diferenças entre os falantes – locais onde vivem, idade, nível de escolaridade, entre outros – que também têm impacto na língua. Por esses fatores, dizemos que no interior de uma mesma língua existem várias línguas ou **variedades linguísticas**.

Uma das variações mais perceptíveis está relacionada às diferenças no uso da língua portuguesa nas diversas regiões do mundo. Particularidades lexicais e diferentes pronúncias são alguns dos aspectos que distinguem as variedades do português. Veja, no mapa a seguir, as regiões que formam a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), também conhecida como Comunidade Lusófona, instituição organizada com a intenção de aproximar esses povos. Além desses países, duas outras regiões — Macau, na China, e Goa, na Índia — também têm comunidades falantes do português.

Há **variações linguísticas** em todas as línguas. Essas variações podem ser **históricas** (relativas a transformações da língua ao longo do tempo), **regionais** (determinadas por seu uso nas áreas geográficas em que ocorrem), **sociais** (advindas de particularidades dos falantes, como idade, profissão, escolaridade, classe social) e **situacionais** (ligadas a situações de uso, como tipo de ouvinte, assunto, local em que se dá a comunicação, etc.).

Goa e Macau ainda não se inseriram oficialmente na Comunidade Lusófona, por isso não aparecem no mapa.

Após a breve explicação seguem os exercícios. Alguns deles trazem termos que não foram trabalhados anteriormente, é o caso das palavras técnicas, utilizadas por determinados grupos da sociedade, como por exemplo da área da informática. Essas palavras, segundo a definição do livro, são os jargões. Não existe nenhuma atividade que leve o aluno a ligar o conceito apresentado ao tipo de variação linguística que o jargão se enquadre, podendo assim prejudicar a compreensão no processo de aprendizagem. Como se pode observar:

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.  
SUPERINTERESSANTE, EDIÇÃO 341, ABRIL, COMUNICAÇÕES S.A.

**#fail**  
Erros simplórios de sites de governos.

**DESIGN**  
Layouts toscos e templates confusos.

**NAVEGAÇÃO**  
Menus e canais desorganizados.

**PROGRAMAÇÃO**  
Links quebrados ou errados.

**1 ANGOLA**  
Tem ícones para redes sociais. Mas os links dão apenas a mensagem de "em construção", típica de sites velhos.

**2 FINLÂNDIA**  
Esqueceram texto falso no site do governo. Os e-mails dos ministros aparecem como sobrenome.nome@vnk.fi. Sério.

**3 IRLANDA**  
No site do primeiro-ministro, ao clicar no ícone do Facebook, você descobre que a conta do premiê nem existe.

**4 LUXEMBURGO**  
Ícones das redes servem para divulgar o site, não para segui-las.

**5 PAQUISTÃO**  
O site do governo tem visual vintage dos anos 90. A navegação é pouco intuitiva.

**6 SUDÃO**  
Há links para redes sociais, mas eles não funcionam e ainda fecham abas do navegador repentinamente.

**7 TUNÍSIA**  
O site do primeiro presidente eleito democraticamente divulga perfis que não existem.

**8 TAILÂNDIA**  
Não há links para os sites dos ministros nem uma identidade visual comum entre eles.

Fonte: *Superinteressante*, ed. 341, p. 45, dez. 2014.

- a) Explique o uso das esferas para a comunicação de informações nesse infográfico. *As esferas representam três conjuntos: países com falhas em design, em navegação e em programação. As áreas de intersecção indicam falhas em mais de um aspecto.*
- b) O texto emprega palavras específicas de que área do conhecimento? Exemplifique. *Da informática, como sites, layouts e templates.*
- c) Existem termos cujo sentido você não conheça? Se a resposta for afirmativa, mencione-os. *Resposta pessoal. É possível que sites ou links já estejam incorporados ao vocabulário da grande maioria dos alunos, o que talvez não seja o caso de templates e layouts.*
- d) O fato de muitas palavras pertencerem à mesma área do conhecimento pode favorecer a compreensão do significado dos termos desconhecidos? Explique sua resposta. *O fato de parte das palavras remeter à informática pode ajudar o leitor a levantar hipóteses sobre o sentido delas, mas é possível que algumas, mais específicas, não sejam compreendidas.*

O **jargão** é um conjunto de termos específicos utilizados por pessoas de um grupo profissional, como os técnicos em informática, ou por um grupo vinculado a uma prática específica, como os velejadores. O uso de jargão cria um discurso pouco compreensível para a maioria dos falantes e, por isso, deve ser moderado.

Essa simplicidade com que o tema é tratado pode prejudicar a compreensão do discente. A inserção de uma questão que levasse o aluno a perceber a qual tipo de variação linguística o fenômeno se encaixa poderia contribuir para a compreensão do tema, ou seja, retomada das ideias expostas proporcionaria maior eficiência no processo de ensino-aprendizagem. Uma reorganização na exposição da parte teórica permitiria que o conteúdo fosse apresentado com mais detalhes. Da forma em que as ideias aparecem elas ficam desvinculadas umas das outras, podendo prejudicar o entendimento como um todo.

### 3.2 Livro II



O livro 2, “Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso”, da editora Saraiva, traz na capa silhuetas de dois jovens, em cores contrastivas (branco e azul), mas, diferentemente do livro 1, não há referência clara das possíveis diferenças existentes em cada indivíduo. Pode-se pensar que a imagem dialoga com o subtítulo do volume “diálogo, reflexão e uso”. De fato, o primeiro dos perfis leva a mão no queixo, numa atitude reflexiva. O processo de ensino aprendizagem acontece a partir de um trabalho reflexivo em que o estudante tem papel central e como resultado ele tem o uso eficiente da língua. Ter uso eficiente da língua pode ser entendido como desenvolver todas as competências necessárias para utilização da língua em suas diferentes variedades, assim como orienta os documentos oficiais.

Quanto ao título “Português Contemporâneo”, grafado em letras capitais, ele parece sugerir, em sua sobriedade e síntese, uma proximidade com os títulos das Gramáticas Normativas, “Gramática do Português Contemporâneo”, indicando a seriedade do conteúdo da língua no Ensino Médio. No entanto, o subtítulo, desse ponto de vista, vem “quebrar” essa impressão inicial ao convidar ao diálogo, reflexão e uso.

Os conteúdos são divididos em quatro unidades com três capítulos cada uma. Segundo os autores, na página 343, “os três capítulos que constituem cada uma das unidades integram conjuntamente, o estudo de literatura, de Língua e linguagem e de Produção de texto.” O primeiro capítulo é destinado à Literatura, o segundo à Língua e linguagem e o terceiro à produção de texto. Observa-se que os autores buscam uma

interação entre as partes que compõem o ensino de Língua Portuguesa, visando o desenvolvimento das competências linguísticas do estudante.

A variação linguística é tratada no capítulo dois da primeira unidade (pag. 48). Primeiramente trabalha-se com o conhecimento prévio do aluno a partir da leitura de um trecho da canção “vozes da seca” de Luís Gonzaga. Nela o eu lírico é um nordestino, morador de uma parte do Brasil que sofre com a seca e pede ajuda para melhorar a vida na sua região. O texto apresenta palavras que são utilizadas normalmente na região nordeste do país por pessoas com um nível de escolaridade menor e principalmente na oralidade, como por exemplo “doutô”, “qui”, “pidimo”, “pur nóis”, “pagamu inté”, “barrage”. Em seguida têm-se atividades de interpretação que procuram levar o aluno a refletir acerca das possibilidades de mudança e uso da linguagem. Apenas depois desse primeiro processo os autores começam a tratar de teoria.

Para introduzir a parte teórica os autores utilizam um recurso diferente do primeiro livro analisado. Eles retomam o conteúdo do capítulo 2, referente à literatura, que trata do trovadorismo, com o intuito de demonstrar como a língua é passível de mudanças - como de uma língua, o latim, originou-se outras línguas como o galego-português e o português brasileiro. Percebe-se aqui, a necessidade de o professor desenvolver um pouco mais essa breve referência ao Latim, como língua mãe de quase uma dezena de línguas românicas. De fato, para a maioria dos alunos, a apresentação dessa língua é uma absoluta novidade, o que não condiz com a importância de seu conhecimento e estudo para a formação linguística e literária do Ocidente.

A estratégia utilizada de trabalhar conjuntamente língua e literatura é algo que pode dar bons resultados, pois o aluno terá uma visão prática do que está sendo levantado pela teoria. Percebe-se que a cada explicação há uma tentativa de levar o estudante a entender as observações por meio de um pensamento reflexivo.

Outro ponto que se observa é a diferença nas nomenclaturas adotadas pelos escritores em relação ao primeiro livro. A variação linguística é apresentada como variação diacrônica, variação diatópica, variação diastrática, variação diamésica. Muda-se a terminologia, mas o conceito são os mesmos.

A atividade que vem após a parte teórica deixa um pouco a desejar. O exercício pede que os alunos leiam pequenos trechos de cinco textos distintos, como por exemplo, “cante lá que eu canto cá”, de Patativa do Assaré e um diálogo entre dois

gaúchos. Tendo como base em quando, por quem e onde provavelmente foram produzidos. Em seguida eles devem relacionar cada texto com os seguintes itens: a) propaganda de guaraná da década de 1950; b) Sátira de dois mineiros conversando no celular, c) diálogo tipicamente gaúcho; d) poema de Patativa do Assaré, poeta popular nordestino, de 1978 e por último a propaganda de guaraná, de 2014.

Ao contrário do que acontece com as atividades de introdução que têm a intenção de levar o aluno a refletir, ela trabalha o conteúdo de forma superficial, sem possibilitar que os alunos retomem os conceitos apresentados. Perde-se a oportunidade de desenvolver o tema de forma prática, com exercícios que possibilitem o aluno pensar na teoria, porém refletindo sobre o que acontece na prática, contemplando assim um ponto importante ressaltado nos documentos oficiais que é o de desenvolver a competência linguística do discente.

### 3.3 O livro III



O terceiro e último livro analisado neste trabalho é o “Ser protagonista – Língua Portuguesa”, da editora SM. A capa não carrega variedade de imagens: nos três volumes a vogal ‘A’ foi escolhida para ilustrá-las. O foco não está no ser humano, mas na linguagem, como ponto central no estudo de Língua Portuguesa. Essa evidência da primeira vogal – emoldurada, letra capital e de tamanho destacado – parece querer reforçar o protagonismo anunciado no título: o ‘A’ evoca o início do alfabeto, o conceito de excelência e um ponto de partida. O “Protagonista” está em fonte maior que o “ser” e com tipo sombreado realçando a mensagem de autonomia no domínio da Língua

Portuguesa. Aliás, esse sintagma, a modelo do “Ser Protagonista”, traz a segunda palavra, “Portuguesa”, em negrito e em fonte bem maior do que a primeira, “Língua”. O realce vai então para a identificação da nacionalidade histórica da língua.

O livro está dividido em três segmentos: Literatura, Linguagens e Produção de texto. A variação linguística compõe a parte das Linguagens, capítulo 10, página 158.

Inicia-se com um exercício curto, com base em um trecho da crônica “Antigamente”, de Carlos Drummond de Andrade, publicada em 1962. A atividade busca mostrar como as palavras usadas naquela época já não fazem parte do vocabulário na contemporaneidade como, por exemplo, as moças que eram chamadas de *mademoiselles* e que hoje “fazem anos” e antigamente “completavam primaveras”.

As questões buscam levar o estudante a compreender que a língua passa por transformações, ela sofre influências sociais, culturais e históricas. Em seguida os autores trabalham com a definição e com os tipos de variação linguística: variação histórica, variação regional, variação social e variação situacional. Para finalizar a teoria apresenta o conceito de norma padrão, norma culta e adequação. As explicações são expostas de forma breve, entretanto privilegia pontos importantes, como, por exemplo, ocorre cada uma dessas variantes. Percebe-se clareza nas explicações e preocupação nas escolhas das informações.

As atividades que estão depois da teoria retomam satisfatoriamente o conteúdo estudado, apresentam um número significativo de questões e contemplam os temas expostos. A partir de diferentes gêneros textuais, como uma “crônica de anúncios” do ano de 1957, busca-se que o aluno perceba de forma prática a variação histórica existente no texto, exigindo que ele compare o vocabulário da década de 50 com o de hoje. É apresentada, pelo menos, uma atividade para cada tipo variação linguística trabalhada. No final do capítulo, como complementação de estudo, apresentam-se questões oriundas de vestibulares e Enem sobre o tema.

#### 3.4 Breve comparação dos três livros

Observa-se, após análise dos exercícios dos livros ora citados, que o livro 1 é o que, acompanhando a forma simplista de apresentar a teoria da variedade linguística, expõe um número menor de atividades. Essa estratégia mostra-se empobrecedora, pois o assunto é deveras importante e complexo para o aluno do Ensino Médio que, após anos de vivência escolar da Língua Portuguesa, está apto a refletir sobre as diferenças, opinar sobre os usos e compreender a necessidade de adequação linguística. É por meio de atividades criativas e diversas que o professor

pode chamar a atenção para a realidade linguística do país e dirimir preconceitos e julgamentos errôneos que levam à exclusão.

O livro 2 deixa a desejar nos exercícios de retomada de conteúdo, isto é, após a parte teórica ele poderia trazer mais exercícios de compreensão e reflexão. O que se observa aqui é o pouco espaço que o assunto 'variedade linguística' goza nos manuais didáticos. Após uma parte teórica de boa dosagem, com rico conteúdo, em que se permitiria desdobrar em prática de ensino mais ampla, o professor é frustrado com poucas atividades de retomada.

O livro 3 traz de forma restrita as atividades que introduzem o capítulo. Há uma preocupação maior com a exposição da teoria e atividades de fixação e reflexão do conteúdo.

Ao analisar o que preconizam os documentos oficiais e o que materializam os livros didáticos mencionados não se tem dúvidas quanto a importância do desenvolvimento das competências linguísticas. O problema é o tempo reservado, nas aulas e nos livros para aprimorá-las: um capítulo não é o suficiente. Na verdade, a noção da variedade linguística e suas consequências na vida do estudante e do futuro profissional, deve ser trabalhado ao longo de todo Ensino Médio. Aproveitar conteúdos como o da literatura e o da produção de texto seria uma opção, isso colocaria o tema em discussão sempre que possível. Apenas o livro didático, com sua limitação de conteúdo e hierarquias de prioridades, não é o bastante para ampliar a eficiência dos alunos no uso da língua em suas diferentes variedades assim como orienta os documentos que regem a educação no Brasil.

## **CAPÍTULO IV – Propostas de atividades com variação linguística**

Este capítulo é composto por atividades que tem por objetivo contribuir para o ensino da variação linguística em sala de aula. Tomou-se como referência principalmente o livro 2 e 3, pois no decorrer do trabalho observou-se que eles buscam explorar o assunto de forma mais completa. Aqui vai uma sugestão para os professores do Ensino Médio: consultar livros didáticos de mesma série e fazer uma coletânea de conteúdos de mesmo tema para enriquecer as aulas. O que pudemos perceber foi a complementaridade possível entre os livros: o que falta em um está presente no outro.

### **4.1 Proposta 1: Teoria e texto ilustrativo**

Propõe-se que o professor aproveite outros textos do próprio livro didático, destinados a outros conteúdos, possibilitando assim abordar a variação linguística em diferentes momentos do processo de aprendizagem. Essa sugestão advém da constatação de que o tema ‘variedade linguística’ pode e deve ser trabalhado em todo o livro de Língua Portuguesa, e nas três séries do Ensino Médio.

Após a apresentação (aula expositiva com auxílio de material impresso ou data show) da parte teórica sobre a ‘variação linguística’, com texto elaborado tendo como base os três livros, a que certamente o professor tem acesso, apresentar aos alunos uma narrativa atrativa. O livro 3 – Ser protagonista, página 272, capítulo 18 - trabalha o conto de humor, com o texto “De cima para Baixo” do escritor Arthur Azevedo nascido em 1855. A trama gira em torno de um erro cometido por um certo funcionário que irrita o imperador que vai reclamar ao ministro. O fato desencadeia uma sequência de reclamações. O ministro, ao sair do gabinete do imperador, reclama com o diretor geral que por sua vez desconta em seu subordinado. Tais atitudes vão se repetindo até chegar no servente e ele, como não tem subalterno, desconta toda a sua raiva em seu cachorro. O animal acaba pagando pelo erro dos demais que, no lugar de assumir os seus erros e solucionar o problema, passam o tempo a culpar quem está sob seu comando.

Devido à época na qual o texto foi produzido existem algumas palavras e expressões que, na contemporaneidade, não são utilizadas com mesmo sentido ou frequência. Assim, muitas delas não são familiares para os alunos, como “escanchar”, “augustos lábios”, “mesuras”, “cólera”, “inepto” e “desidioso”. Abre-se pois uma ótima

oportunidade para trabalhar a ideia de variação histórica e também social, visto que a medida que as pessoas que levam a culpa pelo ocorrido ocupam cargos considerados de menor prestígio social, os léxicos, para os diálogos, acompanham a mesma ideia de autoritarismo e submissão. Além disso, o conto de Azevedo traz à baila a questão das expressões “politicamente corretas”, na atualidade e no final do século XIX. Aqui se apresenta ao professor boa oportunidade de analisar o uso da linguagem como arma de poder.

#### 4.1.1 Os exercícios

1) O texto lido apresenta palavras que não fazem parte do nosso vocabulário, retire do texto algumas delas. Essas palavras poderiam ser substituídas respectivamente por outras, caso o conto se passasse nos dias de hoje?

2) Levando-se em conta o que você aprendeu sobre a variação linguística a qual tipo de variação linguísticas essas palavras se encaixam?

3) O texto apresenta algumas palavras e expressões que se empregadas hoje não são bem vistas socialmente. Tem que se levar em consideração a época da qual o enredo faz parte. Observe os trechos a seguir:

“O continuo saiu dali, e foi vingar-se **num servente preto...**”

“**O preto não redarguiu.**”

a) Pensando na sociedade na qual estamos inseridos, se as palavras e expressões destacadas nos trechos acima fossem empregadas hoje teriam o mesmo sentido do enredo? Explique a sua resposta.

b) A mudança de sentido ligada a contextos históricos diferentes denomina-se como variação \_\_\_\_\_.

4) Leia o anúncio e responda as questões:

**Cabellos  
brancos**

Os cabelos brancos recobram sua cor primitiva em poucos dias.

Um vidro de Água de Colônia "CARMELA" significa 15 annos de rejuvenescimento.

Está deliciosamente perfumada.

Usa-se como loção no momento de pentear-se.

Vende-se em todas as casas de Perfumarias.

Concessionários para  
todo o Brasil

**J. L. CONDE & C.**  
VISCONDE ITAUNA, 65  
RIO DE JANEIRO

a) Retire do texto palavras que representam a variação histórica.

b) Quais foram as mudanças ocorridas com cada uma das palavras retiradas?

c) Reescreva o anúncio com o objetivo de vender a água de colônia Carmela para os consumidores de hoje. Faça as adaptações necessárias.

A atividade foi aplicada para alunos do primeiro ano do Ensino Médio, conforme apresentado na proposta. Foi necessário lembrar os tipos de variações linguística estudados, evidenciando-se assim a importância da retomada de conteúdo. A atividade tem com o objetivo ampliar e esclarecer determinados pontos da matéria que não tenham ficado claros para os discentes. A atividade possibilitou aos estudantes a reflexão sobre as diferentes transformações possíveis na língua com o passar do tempo.

#### 4.2 Proposta 2

Com as atividades a seguir espera-se aprimorar o conhecimento dos estudantes sobre a variação linguística em diferentes ocorrências. E ainda busca-se apresentar a eles situações distintas de uso das variantes da língua e o que cada

contexto permite ou exige de uma determinada variedade, deixando claro que não há variedade errada e sim inadequada.

1) Observe a charge abaixo:



Disponível em: [alvestiago.blogspot.com/2016/01](http://alvestiago.blogspot.com/2016/01) em 19/11/18. Acesso em: 26/11/2018

a) Que tipo de linguagem oral é empregada pela personagem na charge, padrão ou não padrão?

b) É possível compreender a mensagem que o professor quer passar?

c) O tipo de linguagem utilizada pela personagem é adequado para a situação apresentada? Explique a sua resposta.

d) Que tipo de variação linguística o texto apresenta?

2) Identifique nas tirinhas abaixo o tipo de variação linguística que predomina em cada uma delas e justifique a sua resposta:



(Angeli, Luke & Tantra — Sangue bom. São Paulo: Devir/Jacaranda, 2000. p. 17.)

Disponível em: <https://brainly.com.br/tarefa/1915214>. Acesso em 26/11/2018

a)

Disponível em: <http://bloggdoyo.blogspot.com/2015/03/> Acesso em 26/11/2018

b)

Disponível em: <http://professorakatiannie.blogspot.com/2013/06/variacao-linguistica-exposicao-e-imagens.html>.

Acesso em 26/11/2018

c)

Disponível em: [https://www.google.com.br/url?sa=i&source=images&cd=&ved=&url=http%3A%2F%2Fprofessorakatiannie.blogspot.com%2F2013%2F06%2Fvariacao-linguistica-exposicao-e-imagens.html&psig=AOvVaw0v\\_n6Wsq19f0cRwT27nmwQ&ust=1543335635084557](https://www.google.com.br/url?sa=i&source=images&cd=&ved=&url=http%3A%2F%2Fprofessorakatiannie.blogspot.com%2F2013%2F06%2Fvariacao-linguistica-exposicao-e-imagens.html&psig=AOvVaw0v_n6Wsq19f0cRwT27nmwQ&ust=1543335635084557). Acesso em 26/11/2018

d)



e) \_\_\_\_\_.

As atividades da proposta 2 têm como foco alunos do primeiro ano do Ensino Médio. Elas não foram colocadas em prática em sala de aula, impossibilitando assim uma análise dos pontos negativos e positivos da proposta no que diz respeito a prática. Ela foi pensada para complementar a proposta 1, em que a variação histórica teve maior destaque, procurando assim trabalhar com os diferentes tipos de variedades linguísticas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dúvidas e incertezas que norteiam a profissão docente, levantadas ao longo desse trabalho, estão longe de ter um fim. É uma profissão desafiadora em que não se há uma forma certa ou errada de atuar. O que funciona com um aluno/turma não funcionará com outro (a). Muitas das questões levantadas aqui continuarão sem resposta e assim permanecerão. Constatar isso não é tarefa fácil, no início da pesquisa a expectativa era de encontrar resposta para muitos desses questionamentos. No entanto, elas não vieram, mas, por outro lado, a escritura do trabalho me permitiu um olhar reflexivo diante de todo o cenário enfrentado por um profissional que escolhe ser professor de Língua Portuguesa no Brasil.

Em cada um dos documentos oficiais analisados percebeu-se que a variedade linguística vem ganhando espaço de um para o outro, mostrando que os esforços oriundos da ciência linguística em nortear o ensino da língua, não estão sendo em vão. Apesar de se ter poucas respostas, é inegável que grandes passos foram dados no ensino da disciplina e a variação linguística é um deles: reconhecer as diferentes formas de comunicação praticadas em uma sociedade, perceber que uma variante não elimina a outra e que a gramática tradicional é indispensável já é uma grande conquista. No entanto, não podemos desprezar os fatores que influenciam diretamente na prática linguística, sendo o principal deles o conhecimento de língua que o aluno traz para a sala de aula. A formação acadêmica do professor e a constante reciclagem dos profissionais da educação torna-se importante fator de acertos na busca da melhoria de ensino da nossa Língua. Afinal, foi o movimento intelectual realizados nas universidades que permitiu essa mudança de olhar na direção da adequação e não da exclusão.

É inegável que o livro didático auxilia e muito no trabalho em sala de aula. O ideal, no entanto, é que ele não seja a única ferramenta utilizada pelo professor. Porém, diante da realidade de muitas escolas, sabe-se que ele é o principal ou mesmo o único material disponível para professores e alunos e, nesse caso, é preciso aproveitá-lo da melhor forma possível, explorar seus textos e atividades com o objetivo de ampliar os conhecimentos dos alunos em relação à variação linguística.

O fato de a variação linguística ser abordada em um único capítulo ou unidade do livro, no 1º ano do ensino médio, como trazem a maioria das coleções didáticas, é um destaque negativo que fazemos. Esse fato resulta em um ensino fragmentado, a

língua vista em blocos, etapas que têm que ser concluídas e aparentam não ter ligação uma com a outra. Sugerimos que essa conexão fique a cargo do professor que precisará observar a necessidade de cada uma das suas turmas para melhor intervir nas possíveis deficiências do processo de aprendizagem. A retomada de conteúdo, independente de qual ano esse tema apareça no livro didático, permite melhor apreensão e reflexão sobre assunto tão importante.

A busca de algo inovador que possibilite maior sucesso na aquisição de conhecimento é algo almejado no meio docente, a solução para todos os problemas enfrentados nas salas de aula. No entanto, saio dessa pesquisa com a nítida sensação de que o novo está também no tradicional. Não se trata de inventar novos recursos e sim de aproveitar bem os que se nos apresentam, que estão à mão. Ao pensar no quarto e último capítulo a expectativa era a de que atividades inovadoras fossem elaboradas, a de que exercícios saíssem fora daquilo tudo que já existia e que, a meu juízo e experiência docente, não contribuía de forma satisfatória para o aprendizado. Mas, no decorrer da elaboração dos mesmos, percebeu-se que eles acompanhavam a mesma linha das atividades abordadas nos livros didáticos analisados, apenas com um olhar prático de quem está na sala de aula. A novidade ficou por conta de um melhor aproveitamento do material existente e da exploração dos recursos que ficam esquecidos no desenvolvimento dos conteúdos e que permitem uma conexão valiosa.

Diante de tais considerações fica a certeza de que muito resta a fazer, e que o trabalho desenvolvido pela ciência linguística é fundamental para que se possa identificar os problemas e as melhores estratégias a serem utilizadas em diferentes contextos da sala de aula. Um trabalho árduo entre ciência e o docente.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Gramática Metódica da Língua Portuguesa: curso único e completo. São Paulo: Saraiva, 1978.

BAGNO, Marcos. A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística. In: BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ Gilles. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. *O Livro didático de Português: Múltiplos olhares*. Organização [de] Ângela Paiva Dionisio e Maria Auxiliadora Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Lacerna, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

\_\_\_\_\_. *Nós chegemos na escola, e agora?* sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/funcionamento>>. Acesso em: 01/07/2018.

\_\_\_\_\_. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em: 27/08/2018.

\_\_\_\_\_. Lei de diretrizes e bases da Educação Nacional. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes)>. Acesso em: 27/08/18

\_\_\_\_\_. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/bncc-ensino-medio>>. Acesso em: 27/08/18.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. Ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

MARQUES, Maria Rubia Alves; JUNIOR, Anizio Bragança. *A reforma curricular do governo Aécio Neves: As disputas e aproximações no interior das escolas*. Ensino em revista, Uberlândia, v. 19, n. 1, 2012. Disponível em: [www.seer.ufu.br](http://www.seer.ufu.br). Acesso em: 03/06/2018.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LYONS, J. *Introdução à linguística teórica*. São Paulo: C.E.N., 1979.

MATTOS E SILVA, R. V. *Tradição gramatical e Gramática Tradicional*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2002. (Repensando a Língua Portuguesa)

MOURA, Denilda. Língua e ensino: A importância da teoria da variação linguística. In: *Língua e ensino: dimensões heterogêneas*. Macéio: Edufal, 2000.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Problemas relativos à descrição do Português contemporâneo como língua padrão no Brasil. In: BAGNO, Marcos(org.) *Linguística da Norma*. São Paulo: edições Loyola, 2002.

SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. Currículo básico comum de Língua Portuguesa para o ensino fundamental e médio – 2008.

TARALO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7. Ed. São Paulo: Ática, 2003.

UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. *A Linguagem: Teoria, ensino e historiografia*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2008.

VITRAL, Lorenzo. *Gramática inteligente do português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2017.